

O SKYPE COMO UM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM PARA O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM LÍNGUA INGLESA

Solimar Patriota Silva ¹

Jordan Wallace Anjos da Silva ²

Resumo: Alguns recursos digitais passam a ser utilizados para fins pedagógicos, embora originalmente não tenham sido desenhados com essa finalidade. É importante investigar a apropriação dessas tecnologias como ferramentas essenciais no auxílio ao processo ensino-aprendizagem, em geral, e especificamente de Língua Inglesa. Uma dessas ferramentas é o *Skype*, um programa que viabiliza a comunicação através de conexões de voz sobre IP (VoIP). O *Skype* permite que seus usuários interajam de várias maneiras, como, por exemplo, através de vídeo conferência, *chatbox* e chamadas por áudio. Este software tem se apresentado como um aplicativo de fácil utilização e com diversos recursos que podem ser adaptados para a criação de um ambiente virtual de aprendizagem, para a prática e aprimoramento da oralidade em línguas estrangeiras. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar como o *Skype* pode ser utilizado como um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) a fim de contribuir para o processo de desenvolvimento da oralidade em língua inglesa.

Palavras-Chave: Ensino de Língua Inglesa, Oralidade, Novas tecnologias, AVA, *Skype*.

Abstract: Some digital resources started to be used for educational purposes, although they were not originally designed for this purpose. It is important to investigate the appropriation of these technologies as essential tools to aid in the teaching-learning process in general and, specifically, in English Language. The focus of our work is the software *Skype*, a program that enables communication via Voice over Internet Protocol (VoIP). *Skype* allows its users to interact in various ways, such as audio and video conferencing, chat box and phone calls, etc. This software has been presented as a prominent tool with various features that can be adapted for building a virtual learning environment for the practice and improvement of orality in foreign languages. This article aims at demonstrating how *Skype* can be used as a LMS in order to contribute to the process developing oral skills in English.

Keywords: English Language Teaching, Orality, New Technologies, VLE, *Skype*.

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada pela UFRJ. Atualmente é professora adjunta do curso de Letras da Universidade do Grande Rio.

² Graduado em Letras pela Universidade do Grande Rio.

Introdução

O presente estado das escolas, universidades, no geral, em nosso país, no que concerne ao ensino de Língua Inglesa, vem sendo discutido por inúmeros profissionais da educação (SANTOS, 2011; IALAGO e DURAN, 2008; BUENO e MORAIS, 2007; entre outros), devido às falhas que ainda são encontradas neste ensino em nosso país. Sendo algumas delas, a superlotação nas aulas de língua Inglesa, o descaso feito pelas escolas em relação a esta disciplina e a má formação oferecida aos discentes nos cursos de Letras em muitas universidades (CELANI, 2009; SANTOS, 2011; TURBIN e FERRO, 2011; RAMIREZ e PETEROSSO, 2007; entre outros).

Desta forma, muitos ingressantes no curso de Letras chegam ao nível superior sem conhecimentos linguísticos sólidos da língua estrangeira em que serão formados professores.

Esta pesquisa se propôs a investigar como o Skype pode ser utilizado como um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) a fim de contribuir para desenvolvimento da competência oral do futuro professor de língua inglesa em sua formação inicial.

Este artigo apresenta um panorama geral sobre o ensino de língua inglesa no Brasil, a formação inicial do professor de inglês brasileiro, a oralidade e como ensiná-la. Aborda os principais métodos de ensino de línguas estrangeiras e a questão da era pós-método e do ecletismo metodológico no ensino de línguas no geral e discute acerca das novas tecnologias, os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) e a apropriação tecnológica. Apresentamos o aplicativo Skype e pesquisas sobre como o ensino de língua inglesa acontece no ambiente Skype. Por fim, apresentamos as principais funcionalidades do Skype e como utilizá-las no ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

1. A oralidade

Segundo FILHO (2004), nos últimos, anos muitos estudiosos têm dado uma maior importância ao significado da linguagem oral e aos contrastes entre este tipo de expressão e a escrita. Em oposição à ideia que afirma que a escrita era superior à fala, Ferdinand Saussure, mais conhecido como o pai da linguística, insistia na superioridade do discurso oral, e entendia a escrita como um complemento desse discurso.

Ainda hoje percebemos que há uma hierarquia entre a língua falada e a escrita. A oralidade ganha maior notoriedade do que a escrita. Esta condição de predominância da linguagem oral pode ser observada através de dois fatores, o primeiro, o fato de ter existido milhares de línguas e somente 106 dessas línguas possuírem escrita suficientemente desenvolvida para produzir literatura. E o segundo, sendo a existência de aproximadamente 78 línguas das três mil faladas atualmente com literatura desenvolvida (FILHO, 2004). Esse autor ressalta que as culturas que não desenvolveram a escrita passaram os seus costumes e saberes de geração em geração por meio da linguagem verbal. Os provérbios, as receitas, as fábulas, enfim, tudo era transmitido e ensinado através da oralidade (2004).

Tangi e Garcia (2007) apontam que antes a oralidade só era encontrada em comentários de textos escritos, mas hoje ela ocupa um maior espaço, sendo valorizada por professores e pesquisadores. Mesmo com toda essa notoriedade existem ainda profissionais que a marginaliza, não entendendo que a língua falada é a forma natural de expressão da linguagem humana.

O preconceito, o fator econômico e o social são os três fatores que contribuem efetivamente para o fracasso do ensino da oralidade (SILVA, 2011). O preconceito diz respeito ao fato de as escolas não darem certa importância ao ensino da oralidade, devido à falta de espaço adequado e a falta de recursos didáticos. O fator econômico tem haver com os gastos que esta reformulação poderá trazer para a instituição. E a questão social está ligada ao pensamento que diz que este ensino, sem todos estes recursos, causaria frustração tanto aos discentes quanto aos docentes. Tangi e Garcia (2011) afirmam que muitos professores de língua inglesa ainda pensam que a habilidade oral na língua, as atividades orais e o estímulo à conversação dentro de sala de aula é perda de tempo, desvalorizando, assim, o desenvolvimento e a prática dessa importante modalidade. A fala, dentre as quatro habilidades, deve ser considerada uma das mais importantes, já que é através dela que o aluno irá interagir socialmente e verbalmente com outras culturas (UR, 1996; SILVA, 2011; KAYI, 2006). Silva considera que “a fala é o meio de comunicação mais utilizado no meio social, colocá-la de lado no aprendizado de uma língua é um pecado grave que leva a consequências sérias, como a desmotivação dos alunos ou até mesmo a rejeição pela disciplina” (SILVA, 2011, p 94).

Entende-se, assim, que a oralidade é um elemento de grande importância, não podendo ser desvalorizada, pois ela também contribuirá para o desenvolvimento do pensamento crítico de nossos alunos em relação às demais culturas e aumentarão seus repertórios linguísticos. Além de ampliar seu núcleo de amizade e a possibilidade da inserção desse aluno em um ambiente onde ideias convergentes e divergentes, de diversas pessoas ao redor do mundo, se inter-relacionam, se contrapõem e se integram.

Kayi (2006) afirma que a oralidade é uma das partes mais importantes no ensino e aprendizagem de uma segunda língua. Porém, até hoje ela vem sendo negligenciada por muitos professores que ainda pensam que ensinar oralidade é sinônimo de memorização de diálogos e repetição de *drills*. Ur (1996) entende que das quatro habilidades, a oralidade³ é que mais se destaca, como se ela fosse a detentora de todos os outros tipos de conhecimentos linguísticos.

Ensinar nossos alunos a falar uma língua estrangeira não é uma tarefa simples. Exige-se muito tanto do professor quanto dos alunos. Tornar-se fluente em língua inglesa é um processo árduo e cansativo que exige muita paciência e motivação. Harmer (2001) explica que a fluência é uma habilidade que não somente requer do falante um amplo conhecimento das principais características de uma determinada língua, mas também requer um rápido processamento de informações e daquilo que é falado nesta língua. Para isso, serão necessárias disciplina, dedicação e persistência por parte dos professores e de seus alunos.

Ensinar a oralidade é ensinar aos alunos a produzir os sons da língua falada, trabalhar com questões voltadas para entonação e ritmo nessa língua, estruturar os pensamentos em uma sequência lógica e objetiva, usar a língua para expressar opiniões, julgamentos e valores (KAYI, 2006). No geral, apontamos que ensinar oralidade é fazer com que os alunos mergulhem no universo dessa língua-alvo, através de situações reais, atividades e discussões, sejam elas simples ou mais desenvolvidas, que priorizem e promovam o aspecto oral da língua. O objetivo é fazer com que nossos alunos falem nessa língua estrangeira, sabendo que estes não se tornaram fluentes de um dia para o outro, mas desenvolverão suas habilidades orais gradativamente.

No que se refere ao como ensinar a oralidade de uma língua estrangeira, parece haver um consenso de que a melhor forma de ensiná-la, adquiri-la e desenvolvê-la é

através da interação (UR, 1996; HARMER, 2001, KAYI, 2006; entre outros). Kayi (2006) aponta que a abordagem comunicativa e aprendizagem colaborativa são fundamentais nesse processo de aquisição e desenvolvimento das habilidades orais, pois as atividades correspondentes a estes processos são baseadas em situações reais do cotidiano e que exigem bastante comunicação e interação. De acordo com Harmer (2001) e Kayi (2006), atividades como encenações, simulações, contação de histórias, entrevistas, descrição de figuras, jogos dos sete erros, entre outras, são fundamentais nesse processo, pois elas despertam a criatividade e o lado crítico dos alunos, além de promover a comunicação, troca de idéias, sugestões e a aprendizagem mútua entre nossos alunos.

Para um ensino eficiente da habilidade oral em língua inglesa o professor deve criar um ambiente onde haja o uso de materiais autênticos e a oportunidade para cada aluno se expressar e contribuir em cada aula. O papel dele será o de facilitador e não detentor de todo o conhecimento. Uma pré-apresentação de vocabulários, expressões, estruturas, etc, dos quais os alunos necessitarão durante as atividades orais contribuirá bastante para este processo. O professor também deve dar um constante *feedback* aos seus alunos sempre que for possível. A correção de pronúncia, erro gramatical, etc., não pode ser feita durante as produções orais, de forma “*on the spot*” (no momento em que o erro é cometido) como muitos estão acostumados, pois isso poderá atrapalhar o aluno em seu desempenho oral durante uma atividade específica (KAYI, 2006).

2. Novas Tecnologias

Pesquisadores de diversas áreas têm dedicado tempo e esforço ao estudo de como essas novas tecnologias podem ser utilizadas a fim de contribuir de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem (SANTOS E DIAS, 2006; MATOS, 2011; LOPES, 2011; CARDOSO & MATOS, 2012; PAIVA, 2008; entre outros).

Para Santos e Dias (2006), “as novas formas de ensino e aprendizagem estão abrindo um novo paradigma na educação brasileira, estão realizando através dessas novas tecnologias uma gama de artifícios, de novos pensamentos e novos meios de interação que envolve aluno x aluno, aluno x professor” (SANTOS E DIAS, 2006, p.2). Todavia, isso não significa que o computador tem a capacidade de, por si só, obter todos os progressos no processo de ensino-aprendizagem (LOPES, 2011).

Assim, é de extrema relevância o papel do professor nessa era digital, pois ele deverá refletir acerca das suas escolhas de modo a favorecer o processo de ensino-aprendizagem e indo além do caráter técnico do uso de determinada tecnologia em suas aulas.

No que se refere ao uso das novas tecnologias no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, temos visto que o ensino-aprendizagem de um segundo idioma foi altamente beneficiado com a inserção dessas novas tecnologias nas práticas de ensino dessas línguas. A internet também colaborou bastante para a aprendizagem, não apenas de aspectos linguísticos, mas também na questão cultural, envolvendo língua - cultura - falante (LOPES, 2011).

O atual estágio dessa era tecnológica não mais permite que o processo ensino-aprendizagem esteja voltado somente no professor ditando e explicando teorias e regras, sendo o centro da atenção, como observado na metodologia formal, mas sim o professor como mediador e facilitador do aprendizado através da utilização das diversas tecnologias que estão sendo disponibilizadas neste século.

3. Ambientes Virtuais de Aprendizagem

Irias (2011) entende que os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) são *softwares* que utilizam a internet para veicular informações, permitindo maior interação entre professores e alunos. Para Vilaça (2013), os AVAs são programas baseados na internet que podem ter sido projetados com intuito pedagógico, como a plataforma *Moodle*, que se tornou uma das mais utilizadas em nosso país. Contudo, ainda segundo o mesmo autor, um AVA pode ser adaptado, e outros *softwares* que não tenham sido desenhados especialmente para fins pedagógicos, como o caso dos games, redes sociais etc. Aos primeiros, Vilaça chama de AVAs dedicados ou específicos. Aos segundos, AVAs adaptados. Entre esses últimos, incluem-se o *Skype*, o *Facebook*, o *Paltalk*, os *Blogs*, por exemplo.

A maior vantagem de um AVA é a sua flexibilidade na forma de transmissão do conhecimento (RODRIGUES & CASTRO, 2008). Em um AVA a aprendizagem não se resume apenas a um professor, uma lousa e aos alunos, ela vai muito além, rompendo as barreiras no espaço físico, geográfico e temporal, proporcionando aos professores e alunos uma experiência mais próxima da realidade. É importante ressaltar que o AVA

pode ser também compreendido como uma tecnologia de inclusão, pois pessoas com problemas físicos ou que vivem em áreas remotas são extremamente beneficiadas através desta atual modalidade de ensino-aprendizagem.

Os AVAs estão cada vez mais presentes nos cursos universitários, tanto em universidades públicas quanto nas particulares. Estes ambientes não se limitam apenas aos cursos à distância, mas também aos presenciais e aos semipresenciais. É uma nova forma de interação entre alunos, tutores e professores através da WEB e com o auxílio das novas tecnologias, visando a uma maior participação e envolvimento entre estes. Dessa forma, podemos afirmar que o auxílio dos AVAs no processo de ensino e aprendizagem passou a ser fundamental neste atual contexto, onde o homem depende a todo instante das máquinas e das novas tecnologias.

4. O Skype

Segundo Carvalho & Ricarte (2011), o *Skype* é um programa que permite a comunicação via áudio e que realiza chamadas telefônicas e de videoconferência, sem nenhum custo aos usuários que possuem este aplicativo instalado em seus computadores. Este também permite que o usuário possa realizar ligações para telefones fixos e celulares dentro ou fora do país com um pequeno custo.

Com todos estes recursos, o *Skype* se tornou uma ferramenta útil a professores, pesquisadores, profissionais de diversas áreas e a usuários comuns ao redor do mundo. Neste contexto, alguns educadores têm utilizado esta ferramenta como uma estratégia pedagógica a fim de promover um ambiente virtual de aprendizagem que auxiliará os seus alunos de forma significativa e que também estreitará os laços entre professores, alunos e pesquisadores. No que diz respeito ao ensino de Língua Inglesa e o desenvolvimento da oralidade nesse idioma, o *Skype* acaba estando a um passo a frente em relação a outras ferramentas, pois nele há a possibilidade de se convidar um nativo para uma videoconferência que, de maneira previamente estabelecida, corrigirá os alunos em relação aos erros orais da língua sugerindo alguns caminhos alternativos. Outra vantagem oferecida por este aplicativo é o fato de você poder trabalhar com material autêntico em tempo real e também o compartilhamento de conhecimento mútuo entre os usuários

Em termos educativos, esta ferramenta tem auxiliado bastante a professores de línguas estrangeiras em relação ao ensino do idioma em foco, além de promover um

intercâmbio entre professores, pesquisadores e alunos, no Brasil e no exterior, que estão em busca de ampliar os seus conhecimentos (CARVALHO & RICARTE, 2011).

O *Skype* possui um enorme potencial dentro de uma sala de aula, podendo ser utilizado por professores de diversas disciplinas, contribuindo, dessa forma, para uma maior interação entre alunos, professores e pesquisadores ao redor do mundo (ARNAU, 2009), sendo considerado um espaço de interação entre diversas pessoas que discutirão a respeito de um determinado tema, ocasionando uma troca de conhecimento mútuo entre os participantes (LIRA, ARAGÃO & MERCADO, 2010).

Para uma melhor prática e desenvolvimento das habilidades orais entre os alunos é necessária uma maior afetividade e um sentimento de aceitação entre eles mesmos. Pois muitos desses ainda enfrentam barreiras no que diz respeito à prática oral do idioma, devido a sua timidez, medo de ser ridicularizado e muitas vezes o baixo nível de fluência no idioma abordado. Para isso o *Skype* tem servido como um programa que fortalece esses laços afetivos potencializando uma sólida socialização em um ambiente virtual além de promover um sentimento de pertencimento entre seus usuários (LIRA, ARAGÃO & MERCADO, 2010). Dessa forma este *software* constitui-se numa ferramenta de grande valia para o aprimoramento da oralidade em língua inglesa.

5. O *Skype* no ensino de língua inglesa

O aprendizado através do *Skype* também pode ser denominado “*Telentandem*”. De acordo com Cardoso e Matos (2012), esta nomenclatura surgiu a partir de outro termo criado pelo alemão Helmut Brammerts o “*in tandem*”. Este nome foi inspirado na bicicleta para duas pessoas, que, na língua alemã é chamada de “*tandem*”. A ideia inicial do *in tandem* era promover uma inovação no aprendizado de línguas estrangeiras e para isso era necessária a união de um par de interessados no aprendizado de uma segunda língua, sendo que cada um deveria falar como primeira língua idiomas diferentes. Este aprendizado se dava de forma interativa, autônoma e simultânea, facilitando, assim, o aprendizado desse segundo idioma. As autoras dizem que foram feitas muitas pesquisas sobre essa nova abordagem “*tandem*”, e com isso houve a criação do *e-tandem* que é o próprio *tandem* a partir da utilização do e-mail ou dos *chats*. Por último, temos o *teletandem* que funciona da mesma maneira que as outras abordagens de *tandem*, porém

com um diferencial, o auxílio e a utilização da *webcam* incrementando ainda mais esta experiência mais recente de *tandem*, tornando-a mais real.

No que diz respeito ao ensino e a prática de língua inglesa através do Skype, inúmeras são as formas que profissionais o utilizam com este objetivo, seja para dar enfoque à pronúncia, gramática, leitura, compreensão auditiva, conversação, ou outros cursos à distância são os principais temas trabalhados com o auxílio do Skype (CARVALHO & RICARTE, 2011; COBURN, 2010; CARDOSO & MATOS, 2012, MATOS, 2011; entre outros). Vale lembrar que o que fará com que aprendizagem e o desenvolvimento da fluência em inglês aconteçam não será simplesmente a utilização deste aplicativo, mas sim as atividades que podem ser projetadas e desenvolvidas dentro deste ambiente, sob a orientação de um mediador que pode ser um nativo, um professor ou até mesmo um aluno com habilidades lingüísticas avançadas no idioma abordado.

Baseado na teoria de Vygotsky sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) podemos afirmar que a aprendizagem que se dá através do Skype também está fundamentada nesta teoria. Segundo Vygotsky (1930) a ZDP pode ser entendida como sendo a distância entre o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial. O desenvolvimento real é aquele que já foi aprendido pelo indivíduo, são as coisas que ele sabe e consegue realizar de forma autônoma. Já o desenvolvimento potencial são as atividades que este indivíduo não consegue realizar por si só, é necessário o auxílio de um mediador ou até mesmo de colegas mais capacitados. Para Cherry o desenvolvimento potencial, em outras palavras, “é o conjunto de habilidades que uma pessoa pode realizar com a assistência adequada, mas não ainda de forma independente.” (CHERRY, online, [s.d.]).

Com isso, durante uma sessão de aprendizagem através do Skype, teremos vários participantes. Cada um deles, com conhecimentos e habilidades distintos. Isto significa que todos já possuem certo nível de “conhecimento real” em algumas áreas. Dessa forma, a cada sessão, obteremos um compartilhamento mútuo de conhecimento e informação que fará com que o “conhecimento potencial” de cada um deles seja ativado e desenvolvido durante as sessões de aprendizagens.

Resser (2013) traz alguns pontos chaves do que deve e não deve ser realizado durante uma sessão de aprendizagem no Skype e que fará com que a experiência se torne cada vez mais proveitosa. O primeiro ponto é a escolha do ambiente físico onde todos os

participantes estarão durante as conferências no Skype. Para ela, o local físico é de grande importância e, se possível, deve ser mantido em todas as sessões de aprendizagem. É importante também que este ambiente esteja livre de distrações e barulhos e que todos os participantes durante as sessões coloquem o seu perfil como indisponível para que não venham sofrer nenhum tipo de interrupção durante o aprendizado.

Outro fator importante é a preparação do material e o teste dos equipamentos que serão utilizados, como o microfone, fone, etc. A escolha e preparação do material deverão ser feitos de acordo com o objetivo da aula, seja ela de conversação, gramática, leitura ou compreensão auditiva; o material deve ser bem planejado e atender as necessidades de cada participante. A autora sugere a utilização de arquivos *PowerPoint* para explicações, ensino e interação durante a sessão. Na lista do que não se deve fazer ganham destaque a questão do comer, beber e até mesmo mascar chiclete durante as sessões e a discussão de assuntos que não correspondem e que fogem aos reais objetivos da aula. Para Resser (2013) tais práticas devem ser proibidas durante o momento da aprendizagem.

Dessa forma, percebemos que ensinar língua inglesa através do Skype não é uma tarefa extremamente simples, devem-se levar em conta questões particulares, motivacionais e sentimentais no que diz respeito aos mediadores e participantes. Porém, com esforço, dedicação e bom ânimo, pode-se alcançar resultados bastante significantes em relação ao desenvolvimento da oralidade neste idioma.

6. Atividades através do Skype

As atividades aqui propostas foram elaboradas a fim de contribuir para o desenvolvimento da oralidade em língua inglesa de estudantes brasileiros do curso de Letras (Português/Inglês) com pouca fluência neste idioma. Sabendo que o conhecimento oral desses alunos nessa língua estrangeira é bastante variado e ao mesmo tempo limitado será necessário o auxílio de um mediador, que poderá ser um professor ou aluno com uma fluência desejável em inglês.

Todas as atividades devem ser realizadas via conferência em grupo podendo conter até vinte e cinco participantes por conferência, porém sugerimos que seja formado um grupo de no máximo dez pessoas por sessão para que a experiência se torne mais proveitosa e bem-sucedida.

Vale lembrar que para a realização dessas atividades cada participante deverá possuir fone de ouvido, microfone e preferencialmente uma *webcam*. Caso os participantes não encontrem ninguém que possa mediar o grupo, eles podem contratar um professor/tutor nativo ou não, sugerimos o *website*: “<https://buddyschool.com/>”, onde eles poderão escolher a nacionalidade do tutor, o que eles querem aprender, e como as lições devem ser desenvolvidas. O pagamento é feito através de um cartão de crédito internacional pelo Paypal, que é um sistema que permite a transferência de dinheiro online de forma simples e segura.

Todas as atividades aqui sugeridas têm como base o ecletismo metodológico, pois o mediador poderá utilizar técnicas e características de diversos métodos, de acordo com a necessidade e o contexto no qual ele estará inserido.

6.1. Atividade I: “*Talking to your peers*”

Esta atividade é baseada no exercício de perguntas e respostas, onde os participantes terão a oportunidade de interagir entre eles e expressar suas próprias opiniões a respeito de um determinado tópico. O mediador deverá criar algumas frases a respeito de um tema de interesse geral e disponibilizá-las para os participantes durante a conferência. Cabe ao mediador analisar qual será a melhor forma de trabalhá-las com os participantes. Ele pode direcionar uma pergunta a um participante específico, como também pode direcioná-la a todo o grupo. Isso dependerá de cada mediador.

No exemplo abaixo (figura 23), criamos um *slide*, através do *Microsoft Powerpoint*, intitulado “*Hobbies*”, por ser um tema bastante abrangente e de comum interesse. Colocamos algumas figuras para ilustrar o tema, facilitando ainda mais a compreensão dos participantes e uma sequência de perguntas para serem trabalhadas durante a sessão no Skype. Vale ressaltar que devem ser evitadas perguntas com respostas prontas ou as famosas “*Yes or No questions*”, para que não se torne algo mecânico e repetitivo. O objetivo nesta etapa é colocar os participantes para pensarem e produzirem respostas que estejam pautadas em sua própria realidade, mesmo que apareçam erros, o mais importante será a reprodução e o conteúdo das respostas. Se houver mais de dez participantes na conferência, a disponibilização dos arquivos, frases, exercícios, etc, deverá ser feita através da função “Compartilhamento de arquivos” (figura 12). Caso haja

até dez participantes, o mediador poderá utilizar a função “Compartilhar tela” (Figuras 14 e 15).

Para facilitar ainda mais o entendimento dos participantes, sugerimos que o mediador apresente inicialmente alguns exemplos de “Hobbies”, como andar de bicicleta, ler livros, andar de patins, jogar futebol, etc., ou de outro tema no qual ele estará trabalhando, a fim de situar o aluno no tema e na discussão que será feita posteriormente. É importante também utilizar bastantes imagens durante as explicações, exemplos e apresentações, pois através delas a memorização e a capacidade de dedução se tornam mais fáceis. O Português poderá ser utilizado quando houver necessidade.

O objetivo secundário desta atividade é fazer com que os participantes falem ao máximo, expondo suas opiniões, sem serem interrompidos, a não ser quando ocorra uma pausa prolongada por parte dos participantes. O papel do mediador será observar as principais dificuldades lingüísticas que estarão presentes entre os participantes, seja na questão gramatical ou em outros pontos, mas lembrando que o foco deverá estar sempre ligado as habilidades orais da língua, como a pronúncia, entonação, organização da fala, etc., tomando sempre nota dos aspectos mais relevantes para expô-los em outro momento ou no momento do *Feedback*. É importante que o mediador não aponte quem cometeu o erro e nem traga a solução de imediato. Recomendamos que os erros sejam expostos aos participantes e que eles mesmos venham encontrá-los e descubram como consertá-los. O mediador só deverá intervir, caso eles realmente não consigam trazer uma solução para o problema apresentado.

O mediador também deve tentar acrescentar nas perguntas, vocabulários, expressões idiomáticas, estruturas, etc, que aparecem com freqüência na língua falada. Explicando e treinando os alunos no uso dessas expressões e se possível trazer mais exemplos contextualizados e se possível autênticos, a fim de aumentar o repertório lingüístico desses participantes.

O *Feedback* também é outro ponto importante, pois através dele o aluno será capaz de analisar o seu aprendizado. Dependendo da quantidade de participantes, o mediador pode dar o *feedback* em grupo ou individualmente. Recomendamos que o mediador utilize a ferramenta “Gravação de mensagem de vídeo”, pois cada participante receberá o seu *feedback* individualmente e este ficará armazenado no *chatbox* de cada participante, podendo ser acessado a qualquer momento por cada um deles. Como as mensagens de

vídeos ficarão armazenadas, há ainda a possibilidade de cada um deles avaliar o seu desenvolvimento pessoal ao longo das sessões de aprendizagem no Skype.

6.2. Atividade II: “*Once upon a time*”

Esta atividade é baseada na contação e criação de histórias. Ela deve ser feita em duas etapas e com no máximo dez participantes. Na primeira etapa o mediador enviará um link de um vídeo de uma história com áudio e subtítulo em inglês através do *chatbox* durante a vídeo ou áudio conferência. Através do vídeo os participantes, com a ajuda do mediador, terão a oportunidade de relembrar, conhecer e memorizar algumas estruturas, expressões e vocabulários específicos que são utilizados em uma história. Sugerimos a história “*The biggest treasure*” (O maior dos tesouros), que se encontra disponível no *Youtube* através do link (<http://www.youtube.com/watch?v=2iOIM9XdOY0>).

Após todos os participantes terem assistido ao vídeo, o mediador disponibilizará para todo o grupo um slide (que deve ser preparado previamente) através da função “compartilhar tela”. O mediador pode trabalhar este *slide* de duas maneiras. A primeira, ele pode escrever uma pequena parte do início da história disponibilizada e pedir para que os participantes comecem a recontá-la a partir daquele ponto. Cada aluno deverá dizer uma frase, recontando a história com suas próprias palavras (Figura 24). A atividade acaba quando a história começar a não ter mais sentido lógico ou quando os participantes, após já terem dito inúmeras frases, não conseguirem dar mais continuidade a ela.

A segunda opção, o mediador deve criar o início de uma história que será inventada pelos alunos durante a sessão. Cada um deverá contribuir com pelo menos um trecho dessa história (Figura 24), só que com um diferencial da opção anterior, ele poderá simplesmente dizer uma palavra, um artigo, uma interjeição, expressões, etc, mas nada impede de que eles criem frases, caso sintam-se a vontade. Nesta opção o mediador deverá estabelecer um limite de tempo para a conclusão de cada história criada. Para um maior proveito, sugerimos que o mediador estabeleça um tempo entre seis a oito minutos de duração por história.

A segunda etapa desta atividade poderá ser realizada nesta mesma conferência ou em outra. Isto dependerá da disponibilidade do mediador e de cada participante. Sugerimos que esta venha ser realizada em outra sessão. Nesta etapa, o mediador deverá previamente criar cinco slides e dividir os participantes em duplas. Cada *slide* deve conter

figuras de objetos, pessoas, animais, etc, variados (figura 25). Logo após todas as duplas terem recebido seus slides através da função “compartilhar arquivos”, o mediador deverá explicar que eles terão que criar uma história criativa que será contada por cada dupla, e que todos os elementos presentes no slide deverão aparecer em suas histórias. Os alunos necessitarão de pelo menos trinta minutos para concluir esta atividade, então será necessário encerrar a conferência em grupo. Dessa forma, eles poderão trabalhar juntos através da vídeo ou áudio conferência “one-on-one” e de outros recursos disponibilizados pelo Skype. Passado o tempo estabelecido para a o término da atividade, o mediador deverá novamente chamar todas as duplas via conferência em grupo para as apresentações de suas produções. Lembrando que as apresentações deverão ser feitas oralmente, porém nada impede de que eles utilizem alguns slides com algo escrito, imagens, etc, para manter uma linearidade em suas histórias. Recomendamos que o *feedback* seja feito da mesma maneira sugerida na atividade I.

6.3. Atividade III: “What will you take with you?”

Nesta atividade o mediador poderá utilizar a videoconferência em grupo ou em áudio. Para um melhor desenvolvimento desta atividade, recomendamos que ela seja realizada com até no máximo dezesseis pessoas e via audioconferência . Entretanto, nada impede de que haja até vinte e cinco pessoas, o único problema de um numero maior de participantes será o prolongamento da duração da atividade.

Para a realização desta atividade, o mediador deverá criar um documento (*slide*, PDF, etc,- figura 26) com várias imagens (pessoas, animais, objetos, alimentos, artigos de lazer, kit de primeiro socorros, instrumentos musicais, entre outros – figura 27), e disponibilizá-lo para todo o grupo através da função “enviar arquivo”. Após todos terem recebido o documento, o mediador deverá criar outro documento onde deverá escrever frases que correspondam a situações inusitadas pelo qual os participantes terão que enfrentar ou vivenciar, claro que através da simulação. Por exemplo, o mediador poderá escrever: “Escalar o monte Everest”, “Jantar com a Rainha da Inglaterra”, “Dar uma palestra para as crianças famintas na África, sobre como ter uma alimentação de qualidade”, “Imigrar para um país onde você não conhece a língua”, etc. Logo após, o mediador deve direcionar cada uma dessas frases a uma dupla específica. Para cumprir a missão, cada dupla só poderá levar consigo quatro dos itens que aparecem no documento

que foi disponibilizado pelo mediador. As duplas terão que apresentar o motivo da escolha, como os itens escolhidos os auxiliarão e de que forma eles os utilizarão para a concretização das situações apontadas pelo mediador. O objetivo dessa atividade é despertar a criatividade dos participantes, fazendo com que eles simulem e tragam uma solução para a situação apresentada. O mediador deve informá-los que eles devem levar sua criatividade ao extremo, e que as respostas não precisam corresponder a fatos verídicos. Para a apresentação, os participantes poderão usar arquivos *powerpoints*, imagens, entre outros recursos. Lembrando que a apresentação e a discussão deverão acontecer através da forma oral e na língua alvo.

Para esta atividade, recomendamos que o mediador estipule um tempo limite entre quinze a vinte minutos para a confecção da atividade. Passado o tempo limite, ele deverá voltar a chamá-los através da conferência em grupo para a apresentação das atividades aqui sugeridas são simples e podem ser realizadas a qualquer momento através do Skype. Não pretendemos esgotar nem limitar a criatividade do professor com estas sugestões. Elas só são algumas, das inúmeras atividades que podem ser realizadas através do AVA Skype tendo em foco a competência oral. O mediador também é livre para modificá-las ou adaptá-las quando for necessário. Objetivamos que estas atividades auxiliem a estes futuros professores no desenvolvimento da oralidade em língua inglesa.

Considerações finais

Esta pesquisa se propôs a investigar a ferramenta de comunicação síncrona Skype e seu respectivo uso como um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) no auxílio do desenvolvimento da oralidade de futuros professores de língua inglesa em sua formação inicial.

Entendemos que o *software* Skype pode ser considerado um ambiente virtual *Lato sensu*, pois sua finalidade primária era funcionar como um telefone virtual, onde seus usuários tivessem a oportunidade de ter um serviço telefônico sem fronteiras *online*, de alta qualidade e baixo custo. Entretanto, ele vem sendo utilizado por milhões de pessoas ao redor do mundo para finalidades diversas, mas principalmente como um AVA. O ensino de línguas estrangeiras, aulas virtuais e a prática da conversação em línguas estrangeiras são algumas das inúmeras formas de utilização do Skype por estes usuários.

Embora o Skype seja uma ferramenta bastante útil neste processo de aprendizagem e desenvolvimento da oralidade, encontramos nele algumas limitações, como por exemplo, a quantidade de pessoas por conferência e a questão da internet de alta velocidade, pois para a realização das atividades que são sugeridas no capítulo cinco desta monografia, haverá a necessidade de todos os usuários possuírem uma conexão banda larga. E é sabido que muitos ainda não possuem este tipo de *internet* e outros nem sequer a possui em suas residências. Entendemos também que o fato de uma videoconferência só poder comportar até dez pessoas e uma audioconferência vinte e cinco pessoas, pode ser considerado um fator limitador, trabalhoso e desafiador para o mediador, caso o trabalho seja realizado com determinados grupos. Por exemplo, se um professor quiser trabalhá-las com uma turma de trinta e cinco alunos, ele terá que intercalar o seu trabalho, tendo que repetir a atividade para três ou quatro grupos em dias ou horários diferentes, devido à incapacidade deste software de oferecer um ambiente que suporte uma quantidade maior de participantes.

Referências Bibliográficas

- ARNAU, Cristina. **Skype en la educación**. Barcelona: UAB, 2009. Disponível em <<http://ddd.uab.cat/pub/dim/16993748n15a2.pdf>> Acesso em 15 set. 2013.
- BUENO, Ivonte & MORAIS, Waleska Cristina. **O ensino de língua inglesa em contexto globalizado: expectativas e desafios vivenciados pelos discentes**. Goiás: 2007. Disponível em <http://www.ceped.ueg.br/anais/Iedipe/pdfs/o_ensino_de_lingua_%20inglesa_em_%20contexto_%20globalizado.pdf>
- CARVALHO, Ana Beatriz & RICARTE, Daniel. **As novas tecnologias da informação e comunicação na perspectiva do ensino de geografia**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 276p. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247-11.pdf>> Acesso em 01 out. 2013.
- CELANI, Antonieta. **Não há uma receita no ensino de Língua estrangeira**. Revista escola. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml>> Acesso em 04 out. 2013.
- CHERRY, Kendra. **What Is the Zone of Proximal Development?** Nova Iorque: Enciclopedia eletrônica about.com, *online*. Disponível em <<http://psychology.about.com/od/zindex/g/zone-proximal.htm>> Acesso em 15 jan. 2014.
- COBURN, James Neil. **Teaching Oral English Online – Through Skype (VOIP)**. Oslo, Noruega: Acta Didactica Norge, 2010. Vol.4 Nr.1 Art.1. Disponível em: <<http://adno.no/index.php/adno/article/view/109>> Acesso em 28 ago. 2013.
- FILHO, Sebastião Guimarães. **A cultura escrita e o passado oral**. Minas Gerais: FALE/UFMG, 2004. Disponível em <

<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/oralidadenoenino-site.pdf>> Acesso em 02 out. 2013.

HARMER, Jeremy. **The Practice of English Language Teaching**. Third edition. Harlow: Longman, 2001.

IALAGO, Ana Maria & DURAN, Marília Claret. **Formação de Professores de Inglês no Brasil**. Curitiba: Revista Diálogo Educacional, 2008. V. 8, n.23, p.55-70. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd1=1828&dd99=pdf>> Acesso em 01 out. 2013.

KAYI, Hayriye. **Teaching Speaking: Activities to Promote Speaking in a Second Language**. Nevada: The internet TESL Journal, Vol. XII, No.11, 2006. Disponível em <http://iteslj.org/Articles/Kayi-Teaching_Speaking.html> Acesso em 14 abr. 2014.

LOPES, Diana. **As novas tecnologias e o ensino de línguas estrangeiras**. Recife: Unibratec, 2011. Disponível em <http://www.unibratec.edu.br/tecnologus/wp-content/uploads/2012/08/tecnologus_edicao_06_artigo_01.pdf> Acesso em 03 out. 2013.

MATOS, Filipa Andreia. **O Skype como ferramenta de interação e colaboração no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras em teletandem**. Lisboa. Universidade Aberta, 2011. 197 p. Dissertação (mestrado) – Departamento de educação e ensino a distância – Mestrado em Pedagogia do Elearning. Universidade Aberta, Lisboa, 2011. Disponível em <<http://www.teletandembrasil.org/site/docs/MATOS.pdf>> Acesso em 25 ago. 2013.

PAIVA, Vera Lúcia. **O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica**. Minas Gerais: UFMG, 2008. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>> Acesso em 02 out. 2013.

RAMIREZ, Rodrigo & PETEROSI. **O professor de inglês frente a sua formação**. São Paulo: 2007. Disponível em <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/pos-graduacao/workshop-de-pos-graduacao-e-pesquisa/anais/2007/posteres/RAMIREZ,%20Rodrigo%20Avella.pdf>> Acesso em 02 out. 2013.

REESER, Devon. **Teaching on Skype: Essential guide of Do's and Don'ts**. Paraguai: 2013. Disponível em <http://busyteacher.org/18046-teaching-on-skype-essential-guide-of-dos-and-donts.html?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=nl_2013-12-03> Acesso em 19 dez. 2013.

RODRIGUES, Carlos & CASTRO, Helena. **Ambiente Virtual: ainda uma proposta para o ensino**. Rio de Janeiro: Ciência e Cognição, UFRJ, 2008. Vol 13 (2): 71-83. Disponível em <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/download/220/119>> Acesso em 07 Abr. 2014.

SANTOS, Eliana Santos. **O ensino da Língua Inglesa no Brasil**. Alagoinhas: BABEL, 2011. n.01. p.1-7. Disponível em <http://www.babel.uneb.br/n1/n01_artigo04.pdf> Acesso em 15 set. 2013.

SILVA, Maria. **Dificuldades no ensino da oralidade em aulas de língua inglesa**. Campina Grande: Revista Fronteira Digital, 2011. n.04. Disponível em <http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/n4_2011/fronteira_digital_n4_2011_art_7.pdf> Acesso em 01 out. 2013.

TANGI, Michele & GARCIA, Teresinha. **As diferentes abordagens da oralidade em sala de aula de língua estrangeira**. Maringá: CELLI – Colóquio de estudos linguísticos e literários.3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p.1850-1857. Disponível em

<http://www.ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_linguisticos/pfd_linguisticos/075.pdf> Acesso em 03 out. 2013.

TURBIN, Ana Emília & FERRO. **A formação continuada do professor de inglês: um evento de letramento.** Tocantins: ENTRELETRAS, 2011. N.3, p.63-78. Disponível em <http://www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/5_a_formacao_continuada..._ana_emilia.pdf> Acesso em 03 out. 2013.

UR, Penny. **A Course in Language Teaching: Practice and theory.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

VILAÇA, Márcio. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Tecnologia, Educação e Comunicação.** Rio de Janeiro: Unigranrio, 2013. Disponível em <http://www.filologia.org.br/xvii_cnlf/trab_completos/Ambientes%20virtuais%20de%20aprendizagem-%20tecnologia%20%20-%20M%C3%81RCIO.pdf> Acesso em 07 Abr. 2014.

VYGOTSKY, Lev. **Mind and society: The development of higher psychological processes.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1930.